

Sílvia Roque, Rita Santos, Maria João Faustino e Júlia Garraio

“Para combater o assédio sexual é preciso falar dele”

QUATRO INVESTIGADORAS UNIVERSITÁRIAS RECOLHERAM TESTEMUNHOS DE VÍTIMAS E DENUNCIARAM O MEDO E A “NORMALIZAÇÃO” DO ASSÉDIO EM PORTUGAL. QUEREM PROVAR QUE O ‘ME TOO’ NÃO É UM MOMENTO, É UM MOVIMENTO

Um medo crónico imposto às mulheres e que compromete a igualdade”, é a forma como as autoras do livro ‘#MeToo - Um Segredo Muito Público. Assédio Sexual em Portugal’ (Avenida da Liberdade Editores) descrevem o assédio sexual.

Onde nasce a desigualdade de género?

A desigualdade de género é produzida pela estrutura social, económica e política, portanto, é difícil precisar quando surge. Sabemos que, mesmo antes de nascermos, as expectativas sobre os nossos comportamentos, características, gostos, etc. já estão aliadas a concepções particulares do que devem ser homens e

mulheres. Ao longo da vida, muitas dessas expectativas vão sendo cristalizadas em estereótipos alimentados nas sociedades: na escola, em casa, no trabalho. E isto reflete-se na dificuldade de alterar profundamente a divisão sexual do trabalho, a violência contra as mulheres e a estrutura económica que depende do trabalho reprodutivo e de cuidado gratuito das mesmas.

Qual a relação entre assédio e poder?

O assédio é frequentemente um exercício de demonstração de poder, sob a forma verbal, física, psicológica e/ou moral que resulta na degradação, humilhação e desprezo pela pessoa a quem é dirigida. A violência sexual, que inclui o assédio sexual, funda-se na desigualdade de género, e articula-se com outros vetores de poder. No contexto português, o legado do colonialismo e a exotiza-

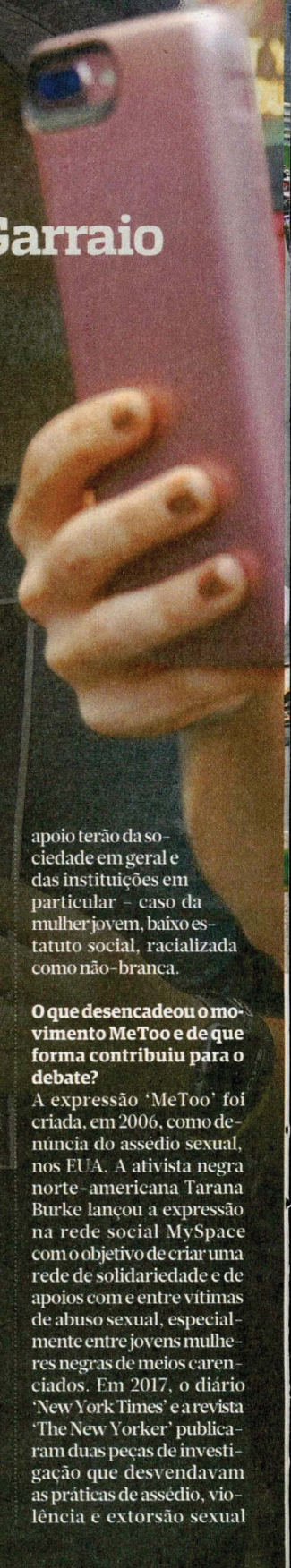
ção e exploração sexual das mulheres racializadas joga um papel fundamental. Como um dos testemunhos recolhidos no livro ilustra, as mulheres imigrantes enfrentam desafios específicos. Quanto mais poder (económico, social e simbólico) tiver quem agride, maior probabilidade terá de sair impune e de ser protegido - será o caso com um homem branco, classe elevada, com prestígio social. Inversamente, quanto menos poder tiverem as vítimas, menor capacidade terão de se proteger, e menor

apoio terão da sociedade em geral e das instituições em particular - caso da mulher jovem, baixo estatuto social, racializada como não-branca.

“Quanto mais poder tiver quem agride, maior probabilidade terá de sair impune”

O que desencadeou o movimento MeToo e de que forma contribuiu para o debate?

A expressão ‘MeToo’ foi criada, em 2006, como denúncia do assédio sexual, nos EUA. A ativista negra norte-americana Tarana Burke lançou a expressão na rede social MySpace com o objetivo de criar uma rede de solidariedade e de apoios com e entre vítimas de abuso sexual, especialmente entre jovens mulheres negras de meios carenciados. Em 2017, o diário ‘New York Times’ e a revista ‘The New Yorker’ publicaram duas peças de investigação que desvendavam as práticas de assédio, violência e extorsão sexual





do produtor de cinema Harvey Weinstein. Perante estas revelações, a atriz Alyssa Milano apelou, na rede social Twitter, às mulheres que tivessem passado por situações semelhantes a responder #MeToo para que a sociedade pudesse tomar consciência da dimensão do problema. O tweet tornou-se viral. Estava criado o hashtag #Metoo.

Que ecos teve em Portugal?
O #MeToo ganhou maior

RESIST

Alyssa Milano criou o hashtag #MeToo para apelar a uma resposta das mulheres vítimas de assédio

visibilidade na esfera pública portuguesa, especificamente na esfera mediática, em 2018, com a acusação de violação contra Cristiano Ronaldo por Kathryn Mayorga e, no mesmo ano, com o caso da sentença de tribunal relativo a uma violação em Gaia (“acórdão de sedução mútua”). O caso Ronaldo, o mais mediatizado em Portugal, contribuiu para que o #MeToo fosse reconhecido na esfera pública como um movimento propenso a disseminar acusações infundadas e não verificadas, e talvez por isto o movimento tenha levado a pouca mobilização. Em 2021, fruto de uma acusação da atriz Sofia Arruda, o #MeToo voltou a alcançar destaque nos media trazendo para a esfera pública a discussão de assédio laboral (incluindo escolas e universidades), violência sexual, de género e doméstica. O #eutamém, em 2021, quando assistimos à partilha pública de testemunhos de numerosas mulheres e a vigílias, é provavelmente o momento em se pode falar realmente de um #MeToo português. Porém, os ecos do #Metoo são muito mais vastos, cruzam-se com outras iniciativas e preocupações feministas. Sobre tudo conseguiram dar uma visibilidade muito maior ao problema do assédio sexual e estimular debates públicos de grande mediatismo. Esses ecos são apresentados e discutidos no livro.

Qual o contributo que a investigação académica pode dar?

A investigação académica é muito importante para oferecer uma maior compreensão sobre a dimensão do assédio sexual e os impactos nas vítimas-sobreviventes. Esta investigação

deve servir para combater o medo crónico de que falamos; para mostrar que o assédio não é um assunto ou uma luta nova, não é uma moda, e é preciso falar sobre ele, para deixar de ser um segredo muito público e passar a ser algo que queremos prevenir. Se não falamos, não entendemos, não nos reconhecemos, não nos solidarizamos, não lutamos; para demonstrar que denunciar não é crime, não pode ser motivo para humilhação e ridicularização, ao contrário do que os adversários do MeToo tentam fazer passar; e para demonstrar que MeToo não é um momento é um movimento, e que os movimentos transnacionais são importantíssimos na ação política atual e que estamos todas ligadas, de alguma forma.

“Se não falamos, não entendemos, não nos reconhecemos, não nos solidarizamos, não lutamos”



1



2

1. SOFIA ARRUDA
DENUNCIOU ASSÉDIO EM PORTUGAL
2. TARANA BURKE
LANÇOU A EXPRESSÃO NO MYSPACE

Quatro autoras contam segredo muito público



Da esquerda para a direita: Maria João Faustino é doutorada em Psicologia pela universidade de Auckland, na Nova Zelândia. Rita Santos é investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Sílvia Roque é professora de Relações Internacionais e investigadora. Júlia Garraio é investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.